

II Colóquio Internacional do NUPSI: Construções de Felicidade São Paulo

Mesa 1 - A FELICIDADE CONSTRUINDO COMUNIDADES DEMOCRÁTICAS

Rede de Colaboração Solidária – a felicidade construindo uma comunidade democrática

Nicolau Priante Filho

Participar do II Colóquio Internacional NUPSI/USP me deixa muito feliz e honrado pela possibilidade de, juntamente com personalidades reconhecidas mundialmente, contribuir para a construção de uma Rede Internacional de Invenções Democráticas que promova a felicidade no mundo.

Confesso que tive certa dificuldade para iniciar este meu relato para atender as expectativas dos organizadores deste Colóquio, em especial as do David Calderoni, a quem agradeço imensamente pela oportunidade que me é dada de sistematizar nossa prática familiar e na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e de poder compartilhá-la com os membros do NUPSI/USP. Essa minha dificuldade estava ligada ao fato de eu ter pensado que foi um episódio que aconteceu em minha vida, que relatei ao David Calderoni há alguns anos, o principal motivo de minha participação nesta Mesa “A Felicidade Construindo Comunidades Democráticas”. Este episódio foi quase uma “revelação” que tive em um evento realizado em 1994, na UFMT, ao ser indagado sobre os princípios éticos que regiam minhas ações.

Confesso também que relatei inicialmente estas minhas reflexões em forma de uma tempestade de ideias. Como geralmente faço, após ter mostrado essas reflexões para minha esposa Josita Correto da Rocha Priante, parceira e companheira de construção das práticas aqui apresentadas, ela me fez uma série de questionamentos sobre o que escrevi e, ao tentar respondê-los, juntos conseguimos sistematizar e fundamentar as bases filosóficas de nossa prática. O texto de Laurent Bove “Da dominação política e de seus remédios. A Lição de Espinoza”, já encaminhado ao II Colóquio Internacional, me ajudou a contextualizar esta “revelação”, articulá-la com outras práticas de nossa vida familiar e profissional e ampliar a sua abrangência para que, junto com outros Inventores Democráticos, possamos promover a felicidade no mundo.

Início este texto com um relato sobre minha vida familiar e profissional para contextualizar informações sobre a nossa prática e como ela tem interferido na promoção de nossa felicidade e daqueles que nos rodeiam. Neste relato, cito nomes de algumas pessoas que em alguns momentos em nossa vida, ajudaram e que ainda hoje nos ajudam a construir *invenções democráticas do comum bem adequadas ao caráter de uma nação*, conforme sugerido por Laurent Bove [2].

A seguir, detalho o episódio citado acima, que me causou um desconforto intelectual a partir do questionamento sobre os princípios éticos que regiam as minhas ações e que me propiciou refletir sobre uma solução a partir de minha realidade e não de *modelos políticos utópicos*.

Continuo o texto com relatos de invenções democráticas de nossa prática na Economia Solidária, influenciados pelo princípio ético que rege minhas ações o qual, pelos resultados obtidos, indica ser uma *causalidade adequada do comum*, apontada por Laurent Bove [2]. Procurei juntar algumas contribuições dos textos enviados pelos

palestrantes deste II Colóquio para fundamentar ou discutir a prática do Pesquisador Cooperado.

Construção de novos caminhos acadêmicos

Em 1976, formei-me em Licenciatura em Física na USP e minha esposa, Josita, formou-se em Filosofia na mesma Universidade. Em 1977 nos mudamos com nossas duas filhas para Cuiabá, onde iniciei minha docência como auxiliar de ensino do Departamento de Física da UFMT.

A partir de 1978, e durante muitos anos, participei da coordenação e execução de projetos de pesquisa juntamente com outros pesquisadores do Depto. de Agronomia da UFMT com o objetivo de obter novas alternativas de secagem e armazenagem de produtos agrícolas para pequenos produtores.

Diversos protótipos de secadores e sistemas de secagem e armazenagem de grãos que eram montados na Fazenda Experimental da UFMT. Minha dissertação de mestrado (concluída em 1990) e também minha tese de doutorado (concluída em 1995) foram em engenharia mecânica, com foco na secagem e armazenagem de grãos. Embora tenha conseguido algumas publicações científicas desde 1978, considerando testes de protótipos construídos na Fazenda Experimental da UFMT, essas publicações não resultaram em aplicações práticas desses protótipos na solução dos problemas dos pequenos agricultores da região.

A partir de 1996, coordenei o Projeto de pesquisa "Parâmetros de dimensionamento de sistemas de secagem para pequenas propriedades rurais de Mato Grosso" CNPq 520094/97-2 [12]. Como execução desse projeto, foi construído um secador de frutas na Fazenda da UFMT que utilizava lenha e energia solar. Esse secador de frutas consumia grande quantidade de lenha o que o inviabilizava sua difusão.

Isso me incomodava e eu vivia pensando em uma alternativa, até que, nesse mesmo ano, após um sonho, inventei um secador de frutas com chaminé em ziguezague que reduziu o consumo de lenha em aproximadamente 20 vezes em relação a outros modelos existentes na época. Tentando agilizar as pesquisas com esse novo secador, decidi juntamente com minha esposa, com nossos próprios recursos, montar um protótipo desse secador no quintal de nossa residência para testá-lo para a desidratação de manga e ter uma alternativa a ser difundida para pequenos produtores rurais. Outros secadores foram construídos em nossa residência, para o desenvolvimento de pesquisas realizadas por mestrados do Mestrado em Agricultura Tropical da UFMT. Entre 1996 e 1998 foram concluídas duas dissertações de mestrado que demonstraram um excelente desempenho desse secador não somente devido ao baixo consumo de energia como também pela boa qualidade das frutas passas produzidas [1], [4], [5], [6], [9], [10].

Naquela época as pesquisas foram acompanhadas pela família de nossa empregada doméstica (estava concluindo o segundo grau escolar) que aprendeu a operar o secador de frutas obtendo produtos que seriam competitivos com aqueles fornecidos no mercado local.

Uma reflexão sobre os princípios éticos que regem as minhas ações.

Descrevo, a seguir, aquele episódio "revelação" que me causou um incômodo ao ser indagado sobre os princípios éticos que regiam minhas ações. Acredito que minha reflexão daquela época, foi muito significativa e tem exercido forte influência em minha postura e na decisão, de criar a Tecnologia Social "Pesquisador Cooperado".

Josita e eu fizemos mestrado na UFRGS e residimos em Porto Alegre entre 1986 e 1990. Após nosso retorno a Cuiabá, em abril de 1994 houve um seminário organizado com o objetivo de divulgar para os docentes as diretrizes da "Declaração de Presidentes

e Reitores de Universidades para o Desenvolvimento Sustentável" de outubro de 1989, elaborada em reunião dirigentes de Universidades de todos os continentes, em Talloires, França. O foco central da Declaração foi a abordagem do tema meio ambiente e sustentabilidade em toda e qualquer disciplina acadêmica e a conscientização de que a sustentabilidade é construída em cada ação do ser humano. Esse Seminário foi organizado pelo Prof. Clovis Nobre de Miranda, professor da UFMT que concluiu seu doutorado nos EUA, juntamente com pesquisadores da Tufts University e de Harvard University. Para esse seminário foram convidados professores e outros stakeholders de diferentes setores públicos e privados de Mato Grosso. Josita e eu fomos convidados e participamos desse Seminário. Participaram desse seminário dois pesquisadores daquelas universidades.

No primeiro dia desse seminário cada participante recebeu uma lista de 10 perguntas para que, após respondidas, fossem apresentadas individualmente, na sala, no encerramento do curso. Nessa lista de perguntas, constava a seguinte: Qual são os princípios éticos que regem as suas ações?

Foi interessante minha reação a esta pergunta. Ela me intrigou pois, pensei: se até hoje eu agi e tomei decisões sem pensar explicitamente nos princípios éticos que regem as minhas ações, qual(is) seria(m) então esse(s) princípios? Fiquei incomodado e pensando nessa questão por tres dias sem conseguir refletir sobre as outras nove perguntas.

No encerramento do curso Após todos os participantes terem apresentado as suas respostas às 10 perguntas, sendo eu o último a falar, eu estava ainda intrigado e com bloqueio para responder a primeira pergunta sobre os princípios éticos. Foi então que, subitamente, me veio uma idéia, como uma "revelação", que passei a relatar para todos os presentes:.

O princípio ético que rege minhas ações é: **Eu sou a pessoa mais importante do mundo! Eu só penso em mim!** A seguir, expliquei minha fala para os ouvintes que estavam perplexos.

Perguntei: se você puder escolher, você gostaria de estar rodeado por pessoas que estejam bem ou que estejam mal? Eu prefiro estar rodeado de pessoas que estejam bem. Por isso eu procuro fazer de tudo para que as pessoas ao meu redor estejam bem. Eu não faço para elas e sim para mim.

Continuei. Como eu só penso em mim, caso eu tenha um conhecimento, eu, sinceramente, faço de tudo para repassar este conhecimento para os outros. Não faço isto para elas mas faço para mim. Desta forma eu ganho duplamente: 1º) se eu conseguir repassar este conhecimento é porque eu consegui organizar melhor os meus conceitos e, assim, melhora os meus conhecimentos; 2º) como esta minha atitude não é muito comum, caso as outras pessoas tenham algum conhecimentos elas espontaneamente procuram repassá-los para mim, não porque me devem algo, mas sim porque sabem que, se eu tiver um conhecimento, eu espontaneamente repassarei para elas. Para ilustrar esta minha reflexão utilizei a figura de se plantar uma árvore e dar a ela tudo o que ela precisa para crescer: água, luz, adubo etc. Se ela crescer frondosa mas isolada, sozinha, ela corre o risco de cair sob o efeito do vento, pois está desprotegida. Por outro lado, se eu der condições para que outras árvores cresçam ao lado daquela, colocando água e adubo, essas vão dar proteção contra tempestades. Eu sou como aquela árvore que precisa de proteção, por isso rego as pessoas que estão ao meu lado, com quem convivo, assim crescemos juntos e sou protegido por elas.

Continuando a minha reflexão, falei que não é fácil para todas as pessoas assumirem esta minha posição. Somente pessoas ricas tem essa facilidade. Falo de pessoas ricas de dinheiro e de bens materiais. Expliquei que, naquela época, eu morava

em um grande terreno, tinha 3 automóveis, microondas, geladeira, chuveiro elétrico e outros eletrodomésticos que, se todos os brasileiros os tivessem, não haveria energia suficiente para mantê-los e que a poluição causada por esse tipo de vida seria um problema ambiental praticamente insolúvel. Desta forma, se pensássemos em sustentabilidade, eu teria que me desfazer de muitos dos meus bens materiais e mudar meu estilo de vida para contribuir com um mundo sustentável.

Como curiosidade, ressalto que, ao ouvido de cada um dos pesquisadores americanos, chegava a tradução simultânea de minha fala. Enquanto eu falava, os americanos discutiam com os tradutores achando que eles estivessem traduzindo erroneamente minha fala, considerando-a incabível; era difícil para eles também entenderem o que eu dizia: *eu sou rico de dinheiro*; os tradutores me falaram isso depois, no intervalo quando os pesquisadores americanos vieram conversar comigo para entenderem melhor o que eu dizia.

Fiquei sabendo, posteriormente, que este meu depoimento acarretou em mais de um mês de debates nas Universidades de Harvard e de Tufts com o retorno dos pesquisadores para os EUA, e que quando conseguiram compreender minha resposta, então ela passou a fazer sentido para eles.

A Prática do Pesquisador Cooperado

Em 1998, Josita e eu ficamos em licença sabática nos Estados Unidos e deixamos nossa casa sob a responsabilidade de nossa empregada e de sua filha. Nós as autorizamos a montarem, de forma legal, uma empresa de desidratação de frutas que pudesse gerar uma renda extra para elas e com a intenção de difundir futuramente essa experiência, caso tivesse sucesso. Seis meses depois, nós retornamos e constatamos que elas não deram continuidade na montagem da empresa pois inicialmente, não haviam encontrado o comprovante de pagamento do Imposto Predial Territorial e Urbano da nossa casa e para não fazer nada ilegal, desistiram da idéia de montagem da empresa. Constatamos, a partir dessa experiência, que os maiores entraves para que as tecnologias geradas na academia sejam apropriadas pelas pessoas de baixa renda não são técnicos. Na realidade, há uma infinidade de problemas considerados insignificantes com os quais pouca gente se preocupa e, inclusive eu, enquanto me limitava às pesquisas dentro do Campus Universitário, não os percebia. Como resolver isso, já que as pessoas não têm status social, status econômico, status acadêmico, não têm acesso à informação, não têm mobilidade? A única fórmula que vimos naquele momento foi imaginar uma organização coletiva da qual um pesquisador fosse formalmente ligado a ela.

No início do ano de 1999, coordenei uma pesquisa na região de Sinop-MT (Experimento em Larga Escala na Biosfera Atmosfera da Amazonia – LBA) sobre o efeito do desmatamento e do tipo de uso da terra da Amazônia sobre o clima do Planeta. Uma pergunta, porém nos intrigava: **Quem poderia apresentar uma alternativa sustentável para os habitantes da região Amazônica que exerciam atividades produtivas ambientalmente ou socialmente insustentáveis?** A resposta é que seria necessário articular as ações de diferentes atores das comunidades, do poder público, do empresariado e da academia, em uma região sem tradição para que esta articulação pudesse ser viabilizada e sem ter exemplos de sucesso a serem seguidos. Outras perguntas que motivaram o surgimento do projeto foram: **a) quem poderia promover esta articulação em nosso Estado? b) como criar e consolidar relações de confiança entre pessoas e entidades tão diferentes?**

Já que havíamos inventado um secador de frutas que potencialmente poderia ser uma alternativa econômica para nossa região, minha esposa e eu decidimos iniciar um tipo de empreendimento para vivenciar uma experiência de atuação articulada com

diferentes pessoas e entidades, de modo a promover mudanças de comportamento em nós como pesquisadores e nos demais atores dessas entidades para encontrar as respostas para as perguntas acima.

Iniciamos então a elaboração o estatuto de uma cooperativa e tínhamos a grande dificuldade de elaborá-lo de modo a inserir a pesquisa científica como um dos objetivos. A solução para isso surgiu da incorporação dos objetivos de uma fundação que existia no Acre e que coordenava os projetos ambientais do LBA com os objetivos que tínhamos elaborado para a Cooperativa que iríamos criar.

Foi então que tivemos conhecimento da existência da Cooperativa dos pescadores e Artesãos de pai Andre e Bonsucesso (COORIMBATA), que tinha sido criada em 1997 mas que estava desativada. Nas comunidades de pescadores de Bom Sucesso e de Pai Andre - Várzea Grande-MT há diversos pés de manga nos quintais das residências. No final de 1999, era época da piracema e a pesca é proibida nesta época.

Surgiu então a idéia de se fazer a secagem de manga como uma das atividades da COORIMBATA para o período de proibição da pesca.

Em vez de criar uma nova cooperativa, e após efetuarmos testes de secagem de manga decidimos junto com os cooperados da COORIMBATA de incorporar as inovações do estatuto daquela Cooperativa que seria criada, com os da COORIMBATA. Destacamos, entre elas, a inclusão da pesquisa científica como um dos objetivos dessa cooperativa de pescadores e artesãos, criando, assim, a prática do “Pesquisador Cooperado”.

Para poder comercializar as frutas desidratadas foi necessário construirmos uma unidade de processamento de frutas piloto, atendendo às exigências mínimas da Vigilância Sanitária. Como Pesquisadores Cooperados, Josita e eu utilizamos os nossos próprios recursos financeiros, mais uma vez, para fazer essas adequações, considerando que tínhamos as condições mais favoráveis que os demais cooperados que são pescadores e ribeirinhos. Além disso, o terreno era nosso e, assim, não haveria sentido utilizar recursos dos demais cooperados para benefícios em nossa propriedade. Essa forma de atuação foi reconhecida, após alguns anos, como projeto de extensão da UFMT [13].

Para coordenar esse projeto, convidei professores de outros departamentos, com mais afinidade na área do projeto, sem sucesso. Esses professores tinham dúvidas sobre a possibilidade de que um projeto com essa complexidade pudesse ter continuidade, e que isso prejudicasse os seus executores na produção científica exigida pela academia. Como eu estava vinculado ao Departamento de Física, tive o apoio deste Departamento para a realização desse e de outros projetos e, atuando conjuntamente com pesquisadores de outros departamentos da UFMT, consegui orientar várias dissertações de mestrado sobre temas de interesse do setor produtivo da COORIMBATÁ como citado anteriormente.

O projeto Pesquisador Cooperado interferiu de forma intensa em minha vida pessoal e familiar. Tudo o que temos conquistado desde a sua concepção em 1999, a elaboração e execução de diversos projetos, tem uma intensa e fundamental participação de minha esposa Josita.

Foi também fundamental a participação dos cooperados da COORIMBATÁ que com muito sacrifício se mantiveram firmes para garantir a consolidação deste projeto. Entre os cooperados destacamos a atuação de Benedito Gonçalves da Silva (Bacurau), pescador, que era presidente da COORIMBATÁ em 2000 e que teve a coragem e a ousadia de acreditar em uma proposta tão inovadora e aos cooperados pescadores, Benedito Ferreira de França (Ditinho), Sebastião de Magalhães (Batu) e Elenine Ferreira da Silva, as empregadas domésticas (naquela época) Cristina Acosta dos Santos

e Ramona Paturise Acosta dos Santos, o Engenheiro de Alimentos Oscar Zalla Sampaio Neto e outros, pela dedicação, postura ética e persistência para a construção dessa nova forma de atuação conjunta entre comunidade e academia e no estabelecimento de mecanismos de controle administrativos e financeiros que propiciaram o bom desenvolvimento dos projetos executados.

Assim que obtivemos o primeiro produto da COORIMBATÁ em 2000, a manga desidratada, recebemos o apoio imediato da Rede de Supermercados MODELO para a sua comercialização. Para isto destacamos a atuação fundamental que temos tido do Sr. Valter Yoshimobu Yamagushi e do Sr. Altevir Pierozam Magalhães respectivamente responsável pela compra de produtos perecíveis e Diretor Presidente da referida Rede de Supermercados considerada, na época a maior do Estado de Mato Grosso.

Naquela época as entidades financiadoras de pesquisas como CNPq e FINEP não tinham nenhuma modalidade de financiamento de pesquisas com perfil semelhante ao proposto pelos Pesquisadores Cooperados. A partir do Programa FOME ZERO, 2000 entretanto, houve no Brasil uma nova postura em relação ao financiamento de pesquisas com foco na solução de problemas locais que passaram a ser priorizadas. É importante destacar que o sucesso dos projetos executados até o momento, contaram com a ativa participação de Oscar Zalla, com larga experiência em cooperativismo, que em 2003 foi bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT) para apoiar as atividades produtivas da COORIMBATÁ e que se filiou à COORIMBATÁ no ano de 2004.

Quando iniciamos a prática do Pesquisador Cooperado em 1999, Josita e eu, não tínhamos esperança de vermos os seus resultados reconhecidos pela sociedade; sentíamos, no entanto, que alguma coisa interessante estava por acontecer.

Uma cooperativa demanda soluções imediatas de problemas que normalmente, no momento nos quais eles surgem, pessoas de baixa renda não dispõem de recursos financeiros, materiais, logísticos ou conceituais para resolvê-los. Nós, Pesquisadores Cooperados, não tínhamos também experiência em cooperativa.

De acordo com a abordagem ergológica, é em sua atividade de trabalho que as pessoas constituem para si universos de pensamento e universos de discurso coletivamente estruturados, coletivamente elaborados e transformados. No mundo do trabalho nós nos fazemos reconhecer não mais pelo que somos, mas pelo que fazemos. A perspectiva ergológica nos obriga, para compreender e para agir em novo universo (o meio de trabalho jamais se repete de um dia para o outro), a colocar permanentemente em debate e em confronto: a) experiências de vida e de trabalho; b) conceitos, sempre imperfeitos, sempre provisórios, com relação a essas experiências, mas indispensáveis para tentar construir alguma coisa coletivamente a partir desses debates [15].

Ainda hoje, após 15 anos, ainda há dificuldades em manter o setor produtivo e de comercialização da COORIMBATÁ porém, graças a experiência adquirida nesses anos de produção, há hoje uma Rede de Colaboração Solidária implantada no Estado de Mato Grosso com grande envolvimento institucional das diversas entidades parceiras, inclusive com convênios e contratos assinados com a COORIMBATÁ. Essas dificuldades criaram, entretanto, condições para que a comunidade e a academia estabelecessem relações de confiança muito fortes. Com esta experiência e a postura do Pesquisador Cooperado, fomos conquistando espaços e parcerias e cada vez mais vamos encontrando parceiros e pessoas interessadas em colaborar e se integrar à Rede de Colaboração Solidária implantada pela COORIMBATÁ na UFMT e que se expande para o Estado. A repercussão atual dessa forma de atuar mostra que esse processo de atuação articulada é irreversível e propiciará grandes avanços nas ações de

desenvolvimento local em Mato Grosso que servirão de exemplo para outras regiões do Brasil e do mundo.

Embora tivéssemos formalmente, uma cooperativa com o apoio da universidade em pesquisa e desenvolvimento de processos, e com o apoio da maior rede de supermercados do Estado, tivemos, ao final de vários anos, prejuízos financeiros na Cooperativa e que foram assumidos por nós, minha esposa e eu.

Nesse quadro, a proposta inovadora do Pesquisador Cooperado exigiu dos seus idealizadores (Nicolau e Josita) uma decisão de se entregar totalmente à construção dessa nova modalidade de ação. Principalmente nos primeiros anos de atuação dos Pesquisadores Cooperados (a partir de 1999), a forma de atuação do casal era considerada excêntrica e havia muita desconfiança não somente por parte dos cooperados da COORIMBATÁ ribeirinhos de uma comunidade tradicional como também por parte de colegas na UFMT. A pergunta convencional se fez e ainda se faz presente: qual o interesse desses dois?

Assim a COORIMBATÁ, a Rede de Supermercados MODELO, uma grande empresa de comercialização, a UFMT, setores governamentais e comunidades organizadas, passaram a ter vínculos institucionais que foram sendo construídos coletivamente com base numa nova lógica de sustentabilidade econômico-social e ambiental.

Interação das Invenções Democráticas para a construção da felicidade

Analisarei agora as informações descritas acima a partir das contribuições dos palestrantes do II Colóquio Invenções Democráticas.

Iniciando pelo quarto filosofema de Espinoza, descrito por Laurent, que sugere que devemos pensar politicamente a partir de nossa experiência, prática, com a ligação da política com a verdade. Considerando o relato acima de nossa vida familiar e profissional, alguma coisa, não refletida politicamente naquela época, já indicava um movimento de emancipação. A pergunta feita sobre os princípios éticos que regiam minhas ações me incomodaram pois, independente de modelos políticos utópicos, eu devia estar pensando em qual a estratégia que eu estava adotando e se essa estratégia era *adequada* para promover a felicidade.

Eu quis ser sincero comigo mesmo e com os outros e imagino que percebi o que agora me parece óbvio: **Eu sou a pessoa mais importante do mundo e prefiro estar rodeado por pessoas que estejam felizes.** Em outras palavras, eu estou feliz quando convivo com pessoas felizes e por isso faço, para mim, tudo o que estiver ao meu alcance para que elas estejam felizes.

Seguem alguns comentários dessa prática:

1) Como eu atuo sempre pensando em mim (dentro do princípio descrito acima), caso eu beneficie outras pessoas elas não me devem favores. Considerando a afirmação de Marina e Francisco Nóbrega no texto enviado ao II Colóquio que “a ansiedade é grande inimiga da felicidade, sendo promovida pela incerteza”, minha forma de agir não me deixa ansioso e, assim, contribui para a minha felicidade.

2) Posso indicar no relato da criação da Tecnologia Social “Pesquisador Cooperado” nosso esforço individual de perseverar na procura sincera de contribuir para que, estruturalmente, o nosso meio social seja organizado para promover a felicidade (primeiro filosofema de Espinoza, citado por Laurent Bove [2])

3) A ideia do Pesquisador Cooperado surgiu em um contexto que contou com a participação e a colaboração de pessoas de diferentes entidades

e diferentes classes e categorias sociais. Várias perguntas podem ser feitas sobre essa participação: a) como uma família de professores universitários consegue formalizar a pesquisa científica como um dos objetivos de uma cooperativa de pescadores e artesãos no ano de 2000? b) como o Departamento de Física de uma universidade federal aprova projetos e a participação de um de seus professores em atividades tidas como excêntricas e estranhas às linhas de pesquisa da Física? c) o que levaria um casal de professores universitários a enfrentar tamanho desafio de compartilhar sua vida com pessoas de comunidades tradicionais sem ter clareza ou o mínimo de segurança de retorno ou sucesso nessa empreitada? d) como uma grande rede de supermercados, empresa capitalista, aceita imediatamente a proposta de comercializar os produtos de uma pequena cooperativa com bases em princípios da Economia Solidária? e) Seriam as *paixões* e os *desejos*, a medida necessária para a vida em comum que leva as pessoas a perseverarem por tanto tempo, mesmo enfrentando grandes dificuldades, na construção de uma prática que promova a felicidade coletiva?

Rede de Colaboração Solidária – uma comunidade democrática

A partir do início de 2005 a COORIMBATÁ foi patrocinada pela PETROBRAS através do Projeto Rede de Colaboração Solidária, contemplado no Edital PETROBRAS FOME ZERO em 2004, competindo com 5884 projetos. Ressaltamos também outros apoios que impulsionaram o projeto, obtidos da Fundação Banco do Brasil através do Programa Desenvolvimento Regional Sustentável (DRS) e também o apoio na forma de recursos obtidos do Banco da Amazônia, através do Prêmio Amazônia Samuel Benchimol 2005.

Um dos importantes resultados do Projeto Rede de Colaboração Solidária foi à criação, em 2006, da ARCA Multincubadora que funciona no Campus da UFMT. Em janeiro de 2010 a estrutura de incubação da ARCA Multincubadora foi incorporada pelo Escritório de Inovação Tecnológica (EIT), criado na UFMT em atendimento à Lei de Inovação Tecnológica nº 10.973/2004. A ARCA Multincubadora, juntamente com o EIT, mantém um escritório de gestão compartilhada para apoio aos projetos da Universidade e também para apoiar diretamente a gestão contábil dos empreendimentos incubados. Esta Incubadora atendeu a demanda das entidades parceiras da Rede de Colaboração Solidária, por ter uma estrutura em condições de coordenar a ampliação, o fortalecimento e a manutenção das parcerias articuladas pela Incubadora.

A atuação articulada da ARCA Multincubadora e do EIT resultou na execução, pela UFMT, do Programa “Sistema Integrado e inovação Tecnológica Social – SITECS” (PROEXT 2011) que contribuiu para a institucionalização da Incubadora de Tecnologia Social e Economia Solidária (INTECSOL) no EIT-UFMT. Atuando na INTECSOL pesquisadores e bolsistas da UFMT, Pesquisadores Cooperados da COORIMBATÁ e Gestores de Tecnologia Social da ARCA Multincubadora integram projetos/programas de pesquisa e de extensão da UFMT. Articuladas, essas entidades elaboram novos projetos para instituições financiadoras de ações de inclusão social e de geração de renda. Os recursos desses projetos são utilizados para reaplicar não somente o Pesquisador Cooperado como também outras Tecnologias Sociais que potencializem os seus resultados.

Com a integração de professores e pessoas de comunidades tradicionais em um mesmo negócio, as pessoas de diferentes categorias se impuseram à necessidade de enquadrar as suas atividades de trabalho de modo contribuir, cada uma com sua experiência na superação das dificuldades. Esta forma de atuação sistêmica promove a

integração entre as ações de várias entidades, já que as possibilidades de articulações são disponibilizadas de forma ágil nos projetos.

A inovadora forma de organização do Sistema Integrado de Inovação Tecnológica Social (SITECS), aplicada no projeto desenvolvido na UFMT (2010-2013) criou espaços comuns de trabalho nos quais professores e estudantes da Universidade, pessoas de comunidades tradicionais, pescadores e artesãos da zona urbana, se integraram no mesmo negócio, tornando as situações de trabalho ainda mais complexas e promovendo um desconforto intelectual que favoreceu um processo de “autoincubação” de todos os envolvidos.

Desse modo, as ações desenvolvidas na prática SITECS veem integrando as ações e projetos nas áreas Ambiental, de Segurança Alimentar e Nutricional, de Economia Solidária, priorizando a inovação tecnológica com foco na inclusão social e no desenvolvimento regional sustentável. A prática SITECS é finalista do Prêmio FBB de Tecnologia Social 2013.

Destacamos abaixo alguns programas ou projetos que ilustram resultados significativos da integração da prática SITECS com projetos governamentais ou não governamentais desenvolvidos.

Os proponentes da Prática SITECS tiveram participação ativa nas Conferências de Ciência Tecnologia e Inovação Estadual e Regional do Centro Oeste e na IV Conferência Nacional de Ciência Tecnologia e Inovação – IV CNCT&I, realizadas em 2010. Ressaltamos algumas recomendações da IV CNCT&I que tiveram a contribuição desses proponentes. A IV CNCT&I reconhece que a Economia Solidária vem se apresentando como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social e do desenvolvimento sustentável. Entre as recomendações dessa Conferência destacam-se: a) “Formular e implantar um Programa Nacional de Inovação e tecnologia social, com apoio a pesquisas e projetos, promovendo o envolvimento da sociedade civil organizada na sua elaboração, execução, monitoramento e avaliação”; b) “Estabelecer políticas e programas específicos para a difusão, apropriação e uso da C,T&I para o desenvolvimento local e regional e para estimular empreendimentos solidários” [7].

A prática do SITECS possibilitou a articulação do EIT-UFMT com o Núcleo de Psicopatologia, Políticas Públicas de Saúde Mental e Ações Comunicativas em Saúde Pública (NUPSI), vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP). Motivados pela troca de informações entre os participantes da Rede de Colaboração Solidária e do NUPSI, foi realizado, em julho de 2010, o Encontro de Picinguaba, expressão da convergência entre projetos executados pela UFMT e pela USP, para avaliação e reaplicação da Tecnologia Social “Pesquisador Cooperado”. Neste Encontro, ocorrido no bojo do Projeto Quilombo Livre do NUPSI, foram realizadas reuniões nos dias 24 e 25 de julho de 2010 no Quilombo da Fazenda Picinguaba – Ubatuba-SP, com a participação do pesquisador do NUPSI Prof. Dr. David Calderoni, dos Pesquisadores Cooperados Nicolau e Josita e um número expressivo de integrantes da Associação da Comunidade de Remanescentes do Quilombo da Fazenda Picinguaba, para troca de experiências e para reflexão e debate sobre a possibilidade de reaplicação da prática do “Pesquisador Cooperado”, entendida como “um modo de agir inter-humano em que o agente se reconhece no processo e nos resultados de sua ação e em que o outro é visto como agente essencial de sua própria autonomia”, conforme estabelece textualmente a Carta de Princípios do NUPSI [3]. Foi unânime a decisão de se buscar reaplicar os objetivos sociais e específicos da COORIMBATÁ para a criação de uma nova cooperativa no Quilombo da Fazenda, a Cooperativa do Azul, como forma de viabilizá-la dentro dos princípios da Economia

Solidária e da necessidade da criação de condições de fomento para a formalização do Pesquisador Cooperado junto àquela comunidade. A Cooperativa do Azul foi criada em setembro de 2013 na região de Ubatuba-SP e a partir da atuação do NUPSI/USP representa uma fonte de novas invenções democráticas.

Tal horizonte de atuação articulada de Pesquisadores Cooperados da COORIMBATÁ com pesquisadores do NUPSI resultou na participação de representantes da COORIMBATÁ e da UFMT como palestrantes do VII Colóquio de Psicopatologia e Saúde Pública e I Colóquio Internacional NUPSI: Invenções Democráticas em Interação, ocorridos simultaneamente em junho de 2011 na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Uma das recomendações da plenária final desse Colóquio foi a criação e consolidação de uma Rede Internacional de Fomento e Interação do Pesquisador Cooperado a ser viabilizada a partir da articulação entre a Rede de Colaboração Solidária e parceiros da INTECSOL em interação com instituições acadêmicas, institutos de pesquisa e organismos nacionais e internacionais alinhados à Carta de Princípios do NUPSI. Considerando a articulação já existente entre pesquisadores do NUPSI/USP e a INTECSOL/EIT/UFMT, foi elaborada uma Carta de Intenção de Parceria entre essas entidades para a consolidação e potencialização de ações de inclusão e coesão social, em conformidade às diretrizes do Fundo de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo. Em 2013 o coordenador da INTECSOL, Oscar Zalla, foi eleito membro do Conselho Deliberativo do NUPSI, reafirmando a parceria.

Desde 2011 a equipe do INTECSOL tem aprovado Programas de Extensão da UFMT no âmbito dos editais PROEXT MEC/SESu programas esses que viabilizam os recursos financeiros para a consolidação das ações aqui apresentadas e para a institucionalização da Incubadora de EES na UFMT, em articulação com diversas entidades.

A Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC) em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas através da plataforma de qualificação CERNE – Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos aporta recursos na Incubadora da UFMT para ampliar a capacidade da incubadora em gerar, sistematicamente, empreendimentos inovadores bem sucedidos. A primeira etapa esta sendo realizado nos anos de 2012, 2013 e 2014 estando previstas mais duas etapas de qualificação das incubadoras selecionadas.

As entidades que participam da Incubadora da UFMT têm representantes nos seguintes conselhos e fóruns: Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado de Mato Grosso (CONSEA-MT), Conselho Municipal de Segurança Alimentar de Várzea Grande, do Conselho Estadual de Economia Solidária, do Conselho Estadual de Meio Ambiente e dos Fóruns Estaduais de Mudanças Climáticas, de Economia Solidária e de Segurança Alimentar e Nutricional.

A INTECSOL propiciou a elaboração e execução, a partir de 2012, do projeto "Rede de Colaboração Solidária - Região do APM Manso" (recursos da ordem de R\$ 442.000,00 financiados por FURNAS Centrais Elétricas) para atender comunidades atingidas pela barragem do Rio Manso organizadas em dois empreendimentos da região de Chapada dos Guimarães-MT que são incubados pela INTECSOL.

A prática INTECSOL viabilizou a elaboração e a aprovação de recursos para três empreendimentos econômicos solidários incubados em 2012: a) Associação dos Catadores e Materiais Recicláveis de Várzea Grande – ASCAVAG – Projeto “Adequação da Coleta Seletiva de Várzea Grande”; b) Cooperativa Agropecuária Varzeagrandense – COOPERGRANDE – Projeto “Rede Leiteira da Baixada Cuiabana”; c) Cooperativa dos Pescadores e Artesãos de Pai André e Bonsucesso – COORIMBATÁ – Projeto “Conexão Peixe na Alimentação Escolar”. Os recursos

financeiros obtidos para esses três projetos, que estão em execução, foi da ordem de R\$2.500.000,00.

CONCLUSÃO

Usei como critério na montagem deste texto, citar nominalmente algumas pessoas que foram importantes na construção da Rede de Colaboração Solidária, mas, sobretudo, para exemplificar a diversidade de categorias e de classes sociais que participam dessa construção. Outras pessoas não citadas neste texto tiveram e continuam tendo grande importância nas conquistas aqui apresentadas. Espero que não se sintam excluídas e que compreendam o critério utilizado.

Destaquei também neste texto alguns projetos indicando, em alguns casos, os órgãos financiadores e os valores financiados para exemplificar a diversidade de oportunidades surgidas e que resultaram em benefícios para as pessoas e entidades da comunidade da Rede de Colaboração Solidária. É comum encontrarmos professores universitários, empresários ou pessoas do poder público se lamentando e atribuindo aos outros as impossibilidades de acessos aos recursos existentes. Desta forma procurei mostrar que, fazendo diferente, mesmo nos dias de hoje com todas as dificuldades que há numa sociedade capitalista, **pessoas felizes** podem ajudar na construção de comunidades democráticas. Esta é uma pista para que os “*precarizados*”, como denominados por Guy Standing [14], encontrem sentido em suas vidas e direcionem suas ações para a construção de uma sociedade sustentável.

Li este texto para o Ditinho, meu amigo pescador e cooperado da COORIMBATÁ, e senti a sua felicidade ao se reconhecer no processo de construção da Rede de Colaboração Solidária e também ao propor algumas correções no texto. Disse ele: “*Tá muito legal, Bigode*”.

Schwartz & Durrive (2007) discutem diferentes aspectos relativos à motivação, compartilhamento de atividades de trabalho no interior de empresas e de comunidades. Discutem também os efeitos da introdução de mudanças tecnológicas sobre as qualificações e sobre uma série de coisas que não são no início necessariamente pensadas, nem mesmo discutidas e que, por isso, deparam com dificuldades de efetivação. Nessas discussões é ressaltada a democracia como uma condição de possibilidade para pensar uma boa utilização da tecnologia aceita coletivamente em uma dada sociedade. Ressaltam também que é em sua atividade de trabalho que as pessoas constituem para si universos de pensamentos e universos de discurso coletivamente estruturados, coletivamente elaborados e transformados. Quando trabalhamos, encontramos momentos de fracassos e sucessos ou de inventividade bem sucedida. É preciso criar locais para debater o que está em jogo no trabalho no momento em que se projetam novas maneiras de trabalhar. “A maneira como eu trabalho diz qualquer coisa da sociedade na qual eu quero viver” [15].

Conforme recomenda Schwartz & Durrive (2007, p. 102), é preciso criar locais para debater o que está em jogo no trabalho, no momento em que se projetam novas maneiras de trabalhar. Nessa direção, procuramos mostrar neste texto que a experiência do “Pesquisador Cooperado” criou espaços internos e externos de compartilhamento e debates de atividades de trabalho promovendo processos recíprocos de aprendizagem. Isso possibilitou o estabelecimento de novas regras de distribuição de bens sociais e políticos essenciais com garantia de dignidade e autonomia aos envolvidos. Como as atividades de trabalho são compartilhadas, relações de confiança vêm sendo estabelecidas, garantindo manter, e até ampliar, a área de atuação e abrangência da COORIMBATÁ e da UFMT, com o Pesquisador Cooperado.

Ao preparar este texto para o “II Colóquio Internacional do NUPSI: Construções da Felicidade” quis sentir a reação de diferentes pessoas e mostrei para elas, o princípio ético que rege minhas ações – **Eu sou a pessoa mais importante do mundo! Eu só penso em mim! Eu estou feliz quando convivo com pessoas felizes e por isso faço, para mim, tudo o que estiver ao meu alcance para que elas estejam felizes.** Essas pessoas são meus familiares, amigos e também pessoas com as quais tive meu primeiro contato. Dentre elas havia crianças, jovens, idosos de diferentes categorias e crenças religiosas (indígenas, pescadores, estudantes e professores universitários, empresários, empregadas domésticas, etc.). Ao apresentar esse princípio, isto causou alguns minutos de perplexidade para todas essas pessoas. Entretanto, depois de explicar a forma como cheguei a esta conclusão e como esse princípio pode interferir em nosso dia a dia, caso ele seja sinceramente assumido, essas pessoas foram unânimes sobre a pertinência dessa forma de pensar como promotora da felicidade.

Eu sou feliz e me sinto assim a partir do princípio explicitado acima. Sinto também que as pessoas que se integram à Rede de Colaboração Solidária sentem-se felizes por estarem consolidando e ampliando essa comunidade democrática. Estamos preparados para nos unirmos aos outros Inventores Democráticos para a construção e/ou fortalecimento de outras comunidades democráticas. Em nossos projetos atuais, estamos buscando alternativas para divulgar e estabelecer as bases para a viabilização de uma Renda Básica da Cidadania, a partir de ações da Economia Solidária.

Espero ter conseguido transmitir para você que lê este texto essas experiências e que você possa se reconhecer nelas. Se eu contribuí para que você esteja mais feliz, ressalto novamente, **fiz isto para mim.**

Referências Bibliográficas

- [1] BERTUCINI JR, Jair Jacomo. **Formulação de cereais em barra: aspectos sensorial.** 2003. Dissertação (Agricultura Tropical) - Universidade Federal de Mato Grosso.
- [2] BOVE, Laurent. Da Dominação Política e seus Remédios. A Lição de Espinoza. II Colóquio Internacional NUPSI-USP Invenções Democráticas. Construções da Felicidade. 2013.
- [3] CALDERONI, David. Carta de Princípios do Nupsi-USP. In: JUSTO, Marcelo Gomes (Org.). *Invenções democráticas: a dimensão social da saúde.* Belo Horizonte: Autêntica Editora / Núcleo de Psicopatologia, Políticas Públicas de Saúde Mental e Ações Comunicativas em Saúde Pública da Universidade de São Paulo – Nupsi-USP, 2010. – (Invenções democráticas, v II) p.137-199.
- [4] DIDA, Valmon Lucas. **Desenvolvimento de manga na forma de chips.** 2005. Dissertação (Agricultura Tropical) - Universidade Federal de Mato Grosso.
- [5] GRABERT, Mônica; PRIANTE FILHO, Nicolau; FAVARO, Simone Palma; MUSIS, C. R. **Avaliação da qualidade sensorial de banana passa obtida avaliação da qualidade sensorial de banana passa obtida em secador de frutos por convecção natural.** *Revista Brasileira de Armazenamento, VIÇOSA*, v. 26, n. 1, p. 10-15, 2001.
- [6] LIMA, Márcio Gonçalo de. **Determinação dos perigos e pontos críticos de controle no processamento de bananas desidratadas em uma unidade experimental organizada no sistema cooperativista em Cuiabá-MT.** 2003. Dissertação (Agricultura Tropical) - Universidade Federal de Mato Grosso

- [7] LIVRO AZUL DA 4ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA E INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia/Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2010.
- [8] NÓBREGA, Marina Pazeto; NOBREGA, Francisco G. Renda Básica da Cidadania e Felicidade. II Colóquio Internacional NUPSI-USP Invenções Democráticas. Construções da Felicidade. 2013.
- [9] PEREIRA, Luciana de Souza. **Avaliação sensorial de abacaxi (Ananas comosus(L.) Merrill) Perola e Smoth Cayenne submetidos a secagem.** 2004. Dissertação (Agricultura Tropical) - Universidade Federal de Mato Grosso
- [10] PEREIRA, Luiz Carlos; PRIANTE FILHO, Nicolau; MUSIS, C. R. Eficiência térmica de um secador de frutas por convecção natural com trocador de calor em ziguezague. **Revista Brasileira de Armazenamento**, VIÇOSA, v. 26, n. 2, p. 3-11, 2001.
- [11] PRÊMIO FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL DE TECNOLOGIA SOCIAL 2013. Finalistas do Prêmio FBB de Tecnologia Social 2013. Disponível em <<http://www.fbb.org.br/tecnologiasocial/>>.
- [12] PRIANTE FILHO, Nicolau; CAMPELO JUNIOR, J. H.; CANEPPELE, C.; CASEIRO, F. T.; MUSIS, C. R.; PEREIRA, Luiz Carlos. **Parâmetros de dimensionamento de sistemas de secagem para pequenas propriedades rurais de Mato Grosso.** 1997. (Projeto financiado pelo CNPq - Processo 520094/97-2).
- [13] PRIANTE FILHO, Nicolau, PRIANTE, Josita Correto da Rocha, Rossignoli, P. A., DIAZ, Javier Eduardo López. **Projeto "COORIMBATÁ" - Ação integrada para produção, processamento e comercialização de frutas regionais em sistema artesanal cooperativo sustentável.** 2000 (Projeto de Extensão UFMT).
- [14] **Standing, Gay.** The Precariat – The new dangerous class. 2011. [online] URL: http://www.policy-network.net/pno_detail.aspx?ID=4004&title=+The+Precariat+%e2%80%93+The+new+dangerous+class.
- [15] SCHATZ, Yves; DURRIVE, Louis. *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana.* Organização de Yves Scharitz e Louis Durrive. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde [et al]. Niterói, 2007. 308p.